

**FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA-UNIFOR
CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS - CCH
CURSO DE PSICOLOGIA**

**ADOLESCER EM GUERRA: CONFLITOS ENTRE GANGUES NA
PERIFERIA DE FORTALEZA**

Fernanda Campos Marinho
Ivna Magalhães Bezerra

fernandamarinho05@hotmail.com, ivnamagalhaes@yahoo.com.br

Projeto de Pesquisa apresentado ao curso de
Psicologia, do Centro de Ciências Humanas
-CCH da Universidade de Fortaleza – UNIFOR
como pré-requisito para aprovação na disciplina
de Pesquisa em Psicologia II

Orientador(a): Raquel Alencar

Fortaleza - CE
JUNHO 2008

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	04
DESENVOLVIMENTO.....	10
1. IDADE DA ADOLESCÊNCIA	10
1.1 História da adolescência.....	10
1.2 Cultura da adolescência e da violência.....	12
2. COSTRUÇÃO DA IDENTIDADE.....	14

2.1 Gangues e a construção da identidade.....	14
3. SENTIDO E EXISTENCIA.....	17
3.1 Construções de Sentido.....	17
3.2 Fenomenologia Existencial.....	18
METODOLOGIA.....	20
ANÁLISE DE RESULTADOS.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
BIBLIOGRAFIA.....	26

INTRODUÇÃO

Qual o sentido da violência juvenil que nasce e cresce nos centros urbanos das grandes metrópoles? O que levaria adolescentes a matarem uns aos outros, num ódio extremo, dando fim a suas existências ainda tão imaturas? Há muito se tem estudado sobre a violência. Na grande maioria das vezes sob um olhar fundamentalmente sociológico, o qual aponta inúmeros fatores para a banalização desta pelos jovens de periferia. A legislação brasileira, por sua vez, representada neste caso pelo Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA, demonstra estar cada vez mais distante no que se refere à sua aplicabilidade. Também se discute muito quanto à maioridade penal e realidade das medidas sócio-educativas adotadas. Toda contribuição tem sua importância na tentativa de esclarecer e compreender a complexidade do fenômeno da violência juvenil nos centros urbanos.

Durante um ano facilitamos grupos de adolescentes entre quinze e dezessete anos em periferias de Fortaleza-CE. Nossa função era orientar socialmente adolescentes em situação de risco, ou seja, pessoas que vivem num contexto onde sofrem constante perigo de vida. O foco do trabalho era abordar assuntos como planejamento familiar, sexualidade, direitos humanos e aplicá-los através de intervenções comunitárias. Assim, nós pesquisadoras aprendemos muito sobre as configurações das diversas relações:

adolescente-comunidade, adolescente-família e dos adolescentes entre si. Implicamos com o descaso das autoridades políticas quanto ao que acontecia e ainda acontece especificamente na favela do Serviluz. Ali, meninos ainda jovens de idade, vivem num estado constante de conflito entre gangues. Ficamos impressionadas com o potencial destrutivo das atuações dos adolescentes que ultimamente tem andado munido das mais variadas armas e não se intimidam em utilizar-las mesmo em qualquer situação ou local.

A prioridade que o adolescente dava ao seu papel de “homicida”, foi o que mais motivou a estudar com profundidade tal comportamento. Questionamos: Por que, apesar da precariedade que acomete homogeneamente toda a comunidade alguns adolescentes optam por uma vida pacífica enquanto outros se organizam em gangues e se matam antes de completar a maioridade?

O Serviluz é um dos bairros de Fortaleza com menor Índice de Desenvolvimento Humano - IDH, contando com aproximadamente 40.000 habitantes e ficou conhecido pelo alto grau de destruição de suas gangues que aterrorizam a comunidade, fazendo das crianças e jovens suas maiores vítimas. Segundo dados do Conselho Tutelar, de janeiro a setembro de 2007 foram constatadas naquela localidade as mortes de vinte jovens, vítimas da guerra entre gangues, sem mencionar o número de feridos, pois é difícil sua quantificação. Qualquer transeunte que se arrisque a atravessar a localidade presenciaria ali o descaso e a miséria. Esgotos a céu aberto, casas empilhadas, lixo por todos os lados. Apesar da vista privilegiada para o vasto oceano atlântico é, segundo os moradores, um desprivilegio morar na linha de frente ao mar pois ali as casas vão sendo localizada na entrada do bairro, uma cruz. Ali soterradas pelas dunas que se formam insistentemente ano após ano. Na maior escola, mais uma criança morreu vítima da violência. Ao lado da escola há um beco, lá dois rapazes investigam nossa presença até então desconhecida. Logo ficamos sabendo o porquê do nome “Beco do Tiro”.

Segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS (2003) existe uma complexa interação de fatores que leva os adolescentes a optarem pela vida em gangues. As gangues se proliferam em lugares onde a ordem social estabelecida foi quebrada e onde faltam formas alternativas de comportamento cultural comum. Verifica-se também dentre outros fatores: ausência de oportunidade de mobilidade social, declínio local na aplicação da lei, escolaridade interrompida, ausência de orientação e apoio familiar, vitimização em casa e associação com colegas já envolvidos em gangues. Todos

facilmente constatáveis no Serviluz. Sabe-se, porém que cada um dos adolescentes que ali mora é livre para decidir quanto a sua forma de existir no mundo. Ele pode, por exemplo, escolher matar um adolescente da gangue rival e ser automaticamente absorvido pela gangue na qual deseja pertencer ou pode, a exemplo de outros, ir atrás de um emprego de entregador num mercadinho próximo. O que ele escolherá e por quê? Quais os sentidos que ele dá e dará a sua vida?

Torna-se urgente uma investigação quanto à natureza do fenômeno da violência entre adolescentes de gangue nesta comunidade, a fim de encontrar meios para reduzir os danos causados. Necessita-se o quanto antes de respostas que vão além das contingências socioeconômicas. Respostas que esclareçam a natureza da experiência subjetiva e do significado individual construído, que possam indicar algumas formas mais eficazes de mediação. Enquanto isso, na comunidade do Serviluz, inúmeras pessoas sofrem aterrorizadas, tornando-se reféns. Centenas de crianças são proibidas de ir à escola nos dias mais caóticos. Mães entram em pânico, pois enquanto trabalham cuidando dos filhos da patroa em bairros nobres não sabem o paradeiro dos seus. Enfim, as políticas públicas mostram ali toda sua superficialidade e ineficácia.

Este estudo, feito inicialmente junto aos adolescentes participantes de gangue, subsidiará próximas pesquisas, inclusive com adolescentes não participantes. Somente com uma investigação cuidadosa, que compreenda a complexidade do fenômeno das gangues no Serviluz, será possível traçar estratégias para a redução dos danos naquela localidade.

Revisão de literatura

A ciência da psicologia tem por muito tempo estudado as minuciosidades da idade da adolescência. Tal dedicação a esta fase da vida não foi por acaso. Historicamente a adolescência foi se configurando como tal até o ponto que possibilitasse um estudo mais sistemático, pois, é ingenuidade falar de adolescência sem sua contextualização histórica. Hoje, no entanto, após uma variedade de estudos e teorias, pensamos que é também ingenuidade tratar da adolescência como fenômeno universal e unidimensional. Ora, as concepções reducionistas da adolescência sustentadas não só pela psicanálise mas também pelos cognitivistas, foram importantes nos seus devidos momentos mas, agora, já não dão conta da complexidade do que é o adolecer. Assim, destaca-se dois autores que tiveram grande importância para o desenvolvimento de um novo olhar sobre

a adolescência, a saber, uma olhar cultural. O primeiro foi M.Mead, que tendo desenvolvido um trabalho onde compara a adolescência dos Samoanos com a dos ocidentais, mostrou o quanto a cultura influencia no adolescer. Ela ressalta que na cultura de Samoa, os indivíduos vivenciam certa continuidade da transição entre a infância e a adultez, enquanto que no ocidente havia uma passagem brusca “da traumática submissão ao pai a estressante responsabilidade de fundar uma família”(Baztán,1998). O outro autor foi E.H.Erikson, o qual adotou uma visão psicossocial da adolescência. A citação a seguir demonstra certa preocupação do autor á uma contextualização histórica e cultural da adolescência.

“Ya que los progresos tecnológicos hacen que transcurra cada vez mas tiempo, entre los comienzos de la vida escolar y el acceso final, por parte del joven, a um trabajo especializado, el estadio da la adolescência se convierte em el periodo incluso más acentuado y consciente y, al igual que siempre há sucedido em ciertas culturas y em algunos períodos, es casi um modo de vida entre la infancia y la edad adulta”(1986, pg110)

Como será que se configura este “modo de vida”, entre a infância e a idade adulta, em sujeitos cujo contexto é de marginalização social e precariedade? Baztán(1998) considera que somente nas culturas com larga esperança de vida e recursos econômicos, pode a adolescência se caracterizar como período especial entre a infância e a adultez, ou seja, a adolescência deve ser vista conforme seu contexto sociocultural e histórico. Para investigar essa questão é de fundamental importância compreender os processos de construção da identidade e sua importância para uma existência saudável. Para Erikson, a identidade pode ser entendida em três dimensões: como um sentido consciente de singularidade individual, como um esforço inconsciente para manter a continuidade da experiência e como uma solidariedade para manter os ideais de grupo.(PEREIRA,2005). Neste trabalho daremos especial atenção as diversas contingências responsáveis pela constituição da identidade numa cultura de violência dos grandes centros urbanos, que é a que nos preocupa e inquieta em especial. Citando mais uma vez Erikson: “*Hemos de advertir que, tam sólo um firme sentimiento de identidad interior, marca el final del proceso de la adolescência y constituye una condición previa para uma ulterior y auténtica maduración individual*”(1986,p76). O autor cria uma noção de crise de identidade, no sentido de uma emergência, onde todas as forças estão concentradas numa reorganização da personalidade individual e social. A tarefa principal da adolescência é então a de encontrar a identidade em meio as

exigências culturais da própria comunidade. Labajos ressalta bem a influência social no processo de adolecer:

“Los factores sociales determinan, em gran medida, el concepto o imagen de sí mismo, puesto que la evaluación que uno hace de sí mismo no la hace em abstracto, sino em conformidad com los criterios y las condiciones de uma sociedad particular. Por lo mismo, no se puede dudar que el concepto que de sí mismo tiene el adolescente esté condicionado por una serie de factores sociales y culturales, como el ambiente social, el estatus socioeconómico, la pertenencia a um grupo...”(1994,p180)

. Intencionamos compreender na atual pesquisa, quais as estratégias e quais os sentidos construídos pelos adolescentes residentes no bairro Serviluz para a formação de um sentimento de identidade, de unidade interior. Interessa-nos também saber sobre o que a participação em gangues homicidas tem haver com essa delicada fase de construção da identidade. Se, como acaba de ser destacado, o adolescente se constrói conforme o meio social em que ele está inserido e atua segundo sua realidade é indispensável situar nosso adolescente de gangue. Não só relatando o aspecto da marginalização social, mas também, e de forma mais global, situá-lo no mundo do consumo e da competitividade. Nesta realidade, acaba sendo muito dura a entrada no universo adulto do trabalho pois, vagas e desacreditadas são as perspectivas quanto no a oportunidades de crescimento. Ignez Saito sintetiza assim essa problemática: “A consequência mais direta, frente às desigualdades, será a incapacidade dos jovens de definirem projetos de vida viáveis, condizentes não só com suas aspirações, mas também com a possibilidade de realização”(2001,p.12)

A pergunta é: como a lógica da nossa cultura individualista e consumista afeta no adolecer destes jovens? Autores das mais diversas áreas já trataram sobre este mérito. Segundo Fensterseifer e Werlang(2006), pode-se observar na contemporaneidade uma invasão de comportamentos auto-destrutivos característicos de uma cultura pós-moderna, marcada pelo individualismo, consumismo, pelo sentimento de vazio, medo e desamparo. Neste caso o comportamento auto-destrutivo aparecem como uma alternativa para cessar a dor.

“Na sociedade em que se prioriza o consumo, o valor de cada um é avaliado de acordo como que se tem a oferecer como produto, com o que se faz. Logo a auto-estima do homem da atualidade fica totalmente subordinada ao êxito social”(FENSTERSEIFER,L; WERLANG,B. 2006,p41)

Ainda sobre este tema relata Arpint, em *Adolescência e violência: reflexões a partir da História:*

“Não podemos deixar de considerar como nossa sociedade de consumo valoriza os que têm e os que se dão bem economicamente, não se importando muito com os meios para se chegar a ter e possuir o que se tem...A lógica social é esta:quem é malandro, obtém sucesso, pois sai na frente;esse é o modelo para os adolescentes, é o modelo que a sociedade oferece.”(1999,p.109)

Os adolescentes participantes de gangues no Serviluz sintetizam em seu comportamento toda uma história e cultura. Pontuamos a cultura da violência e a cultura do consumo, no entanto não se pode esquecer que, apesar de segregados, esses jovens também vivenciam a cultura das rápidas transformações tanto nas formas de comunicação e quanto nas interações. Aliás, a qualidade das relações intersubjetivas dos adolescentes também é um ponto a ser aprofundado, principalmente por ser esta uma pesquisa de base fenomenológica. Sabe-se que os adolescentes interagem entre si e formam grupos, dos mais diversos, de maneira a satisfazer um desejo de pertencimento, ao mesmo tempo em que constrói, refaz sua identidade, dá sentido a si mesmo e ao mundo. Uma pesquisa fenomenológica busca compreender as construções de sentido do sujeito. O sentido, por sua vez, não é construído num isolamento. Segundo Forghieri *“...o mundo recebe o seu sentido, não apenas a partir das constituições de um sujeito solitário, mas no intercâmbio entre a pluralidade de constituições dos vários sujeitos existentes no mundo, realizado através do encontro que se estabelece entre eles.”* (1997,p.19). Assim, é apoiado numa psicologia fenomenológica que buscamos compreender, por meio do discurso, os sentidos construídos pelos adolescentes participantes de gangues na periferia de Fortaleza e as suas formas de ser-no-mundo, de existir.

Objetivos:

O objetivo primordial do presente trabalho será o de investigar a experiência do adolescente envolvido no conflito de gangues do Serviluz em Fortaleza - CE, procurando compreendê-lo na base de suas escolhas e valores, verificar como este se viabiliza sujeito e o sentido que dá a sua existência. Mais especificamente:

- Conhecer como é o modo de existir de um adolescente participante de gangue na referida comunidade.
- Compreender de que forma é feita a opção pela vida em gangue.
- Analisar como o adolescente constitui sua identidade nas circunstâncias referidas e quais os sentidos atribuídos a ela.

Acreditamos que uma compreensão empática da experiência do outro, mais humana e menos preconceituosa, permite uma melhor aproximação do fenômeno que se pretende compreender e futuramente intervir.

Metodologia

A presente pesquisa tem o caráter de estudo de campo com base fenomenológica. Propõe um investigação qualitativa profunda do modo de existir de adolescentes participantes de gangues da comunidade Serviluz localizada na cidade de Fortaleza - CE. Para a sua realização foi selecionada uma amostra de dois jovens participantes de gangues, entre quinze e dezoito anos, residentes no referido bairro. A escolha desta faixa de idade deve-se ao conhecimento adquirido pelas pesquisadoras quando atuaram diretamente com os adolescentes na função de orientadoras sociais em projetos da Prefeitura Municipal de Fortaleza quando constataram que a entrada no mundo das gangues se dava em torno dos quatorze e quinze anos. A escolha para a participação da amostra foi feita a partir do interesse do jovem em colaborar com a pesquisa. Inicialmente, com o devido consentimento, foram marcada entrevista prévias com os adolescentes provenientes do bairro Serbiluz e que cumprem medidas sócio-educativas no Centro Educacional Dom Bosco. Na segunda fase, após o levantamento da amostra, foi realizada entrevistas semi-estruturada com adolescentes cuja que aceitaram a colaboração com a pesquisa e que tinham participação ativa em gangues antes de serem presos. A participação só aconteceu mediante o consentimento do participante e do seu responsável legal, com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que busca garantir o compromisso ético da presente investigação. As entrevistas foram gravadas, conforme permissão, e a análise dos dados acontecerá através da análise de depoimento.

DESENVOLVIMENTO

1. IDADE DA ADOLESCÊNCIA

1.1 História da adolescência

Durante muito tempo a psicologia tem pensado a adolescência como uma fase do desenvolvimento, caracterizada por comportamentos estereotipados, rebeldia, instabilidade afetiva, crises religiosas e de identidade sexual. Sergio Ozella(2002)

reforça, no entanto, que as concepções naturalistas e positivistas da adolescência não dão conta da multiplicidade de contextos onde se constituem os indivíduos. Tais concepções omitem a desigualdade de oportunidade entre todos os adolescentes e acabam dissimulando as desigualdades das relações sociais quando não se pensa a adolescência como um processo que se constitui historicamente, conforme cada cultura e sociedade. Alguns autores como Knobel e Aberastury(1981) sustentaram a noção de crise essencial da adolescência ou síndrome normal da adolescência, enfatizando a realidade individual em detrimento da biopsicossocial. Essa idéia da adolescência como um período de crise é coerente com o berço positivista da psicologia que ressalta o “desvio” de uma ordem ideal. Assim, se se pretende estudar um adolescer específico, deve-se fazê-lo dentro da totalidade no qual foi produzido, sem fragmentá-lo, mas sim compreendendo a dialética das contingências socioculturais com a constituição psicofísica.

“...consideramos que adolescência é criada historicamente pelo homem, enquanto representação e enquanto fato social e psicológico. É constituída como significado da cultura, na linguagem que permeia as relações sociais...o jovem não é algo por natureza. São características que surgem nas relações sociais, em um processo no qual o jovem se coloca inteiro, com suas características pessoais e seu corpo.”(OZELLA,2002,p20-21)

Antes de tratar do contexto especial onde se desenvolvem os adolescentes da comunidade do Serviluz em Fortaleza vale conhecer as suposições de como foi constituída historicamente a adolescência. Para o teórico Clímaco(1991), a adolescência é fruto da sociedade capitalista quando a ciência, o alto desenvolvimento técnico-científico, prolongou a expectativa de vida promovendo desafios na que diz respeito as formas de sobrevivência e o mercado de trabalho. Surge na sociedade moderna uma exigência de retardar a entrada dos jovens no mercado devido ao desemprego estrutural e crônico. Esse jovem teve também de passar maior tempo em formação escolar para dar conta das novas exigências técnicas o que implicou num maior distanciamento da família e uma aproximação de um grupo de iguais. É nesta fase, de preparo para a vida adulta, afastamento do trabalho e de transformações físicas, onde são vivenciadas as possibilidades de ser adolescente e os significados construídos.

1.2 Cultura da adolescência e da violência

O teórico Ángel Aguirre Baztán(1998) desenvolveu novas formas de se estudar a idade da adolescência. Ao invés de partir de uma visão adultocêntrica e de suas representações sobre as diversas etapas da vida ele opta por uma análise etnográfica das

culturas em si mesmas. No caso, Baztán conceitua cada idade do ciclo vital desde sua identidade cultural e as chama de “Las culturas del ciclo vital”.

“La cultura, pues, es algo substantivo al grupo, algo que afecta a la posibilidad misma de la interacción grupal. Así, los que llamamos adolescentes, son adolescentes porque son una cultura e identidad adolescente. Si a un individuo o a un grupo se le cambia de raíz la cultura (sus presunciones básicas), se le cambia de identidad.” (BAZTÁN, p14)

Então se cada cultura cria suas próprias formas culturais da adolescência, o presente estudo deve compreender a cultura adolescente na realidade de um país de terceiro mundo, onde muitos devem o quanto antes engajar-se num subemprego sem falar dos altos índices de maternidade. Assim, o adolescente que se constitui num espaço de marginalização social merece nossa especial atenção. Interessa especificamente os que vivenciam a cultura da violência e da segregação social nos centros urbanos das grandes metrópoles. Cabe entender como se configura o adolescer numa realidade desfavorável no que diz respeito ao subemprego, a precariedade dos suportes de proximidade como educação, saúde e saneamento, enfim, num contexto de vulnerabilidade social. Segundo Abromavay e Castro (2004) a vulnerabilidade é conceito que pede recorrência as diversas unidades de análise – indivíduos, domicílio e comunidade, além de recomendar que se identifiquem cenários e contextos. Pede portanto um olhar para a multiplicidade de contextos sociais vulnerabilizantes ou condicionamentos de vulnerabilidade. Assim, a vulnerabilidade social é determinada por múltiplos fatores que vão desde aspectos de natureza econômica e política até os de fragilização dos vínculos afetivo-relacionais, de pertencimento social, territorialidade e outros.

Viver no bairro Serviluz significa carregar em sua história o convívio direto e indireto com diversos tipos de violência. Atos violentos, atos que ignore, impeçam e atentem contra o direito do homem e do cidadão, ou induza uma pessoa a fazer o que não é de sua vontade, têm causas na estrutura urbana. Assim, alguns especialistas consideram o espaço urbano a própria causa da violência urbana. É nas periferias, chamadas de espaços segregados, onde o crime instala-se mais facilmente. Sabe-se que não é a pobreza o fator causador da violência. Se assim fosse áreas extremamente pobres do Nordeste do Brasil não apresentariam, como apresentam, índices de violência muito menores do que aqueles verificados em áreas como São Paulo, Rio de Janeiro e outras grandes cidades. Apontam-se algumas causas para a violência urbana, entre elas estão: uma infra-estrutura precária de vida, impessoalidade das relações nas grandes

metrópoles, desestrutura familiar e baixa oferta de empregos. Esta última seria um fator preponderante para o ingresso do adolescente na criminalidade.

“Na verdade, o desemprego, ou o subemprego, mexe com a auto-estima do jovem e o faz pensar em outras formas de conseguir espaço na sociedade, de ser, enfim, reconhecido. Sem conseguir entrar no mercado de trabalho, recebendo um estímulo forte para o consumo, sem modelos próximos que se contraponham ao que o crime organizado oferece (o apoio, o sentimento de pertencer a um grupo, o poder que uma arma representa, o prestígio) um indivíduo em formação torna-se mais vulnerável. (<http://laboratoriodegeografia.blogspot.com/2007/06/violência-urbana.html>)

O adolescente deste cenário torna-se mais vulnerável ao crime pois se encontra numa fase em que tem a tarefa de moldar sua identidade, tarefa esta que é determinada por uma multiplicidade de fatores, como será exposto .

2. COSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

2.1 Gangues e a construção da identidade

A construção e as transformações da identidade, das imagens do eu, são adquiridas ao longo da vida conforme as relações sociais estabelecidas. Assim, a produção do auto esquema se dá sobre o fundo social. O indivíduo se modifica conforme interpreta o feedback recebido pelos outros e assim molda seu auto-conceito. Tal identidade possui duas raízes fundamentais. A identidade dos papéis, que são as posições que cada um ocupa na sociedade, como pai,irmão, aluno, e a identidade social que diz respeito a participação em categorias ou grupos sociais com base em critérios como gênero, raça, filiação política, nacionalidade e diversos outros. Enquanto a representação da identidade de um papel envolve a conformidade do comportamento com o papel, a representação da identidade social envolve a adoção de estilos de roupa, de pensamentos, e comportamentos associados com a categoria social.(Delamater et al,2003)

A socióloga Glória Diógenes, autora de Cartografias da Cultura e da Violência – Gangues, Galeras e o Movimento Hip-hop, relatou em seu livro o universo juvenil na periferia de Fortaleza. Constatou que a territorialidade das gangues ou seja suas áreas de atuação, seus limites de domínio, traduzem-se na fala de seus integrantes, no imaginário das gangues como projeções de campos de guerra e de refúgio. Seu Estudo revelou que os espaços da cidade acabam configuram-se como lócus de disputas e confrontos.

O adolescente participante de gangue planeja e desempenha comportamentos que reforçam e confirmam a identidade que reivindica para si. Sabe-se que as

identidades são hierarquizadas de acordo com a sua relativa importância para o auto-esquema. Em consequência disso, quanto maior sua importância, saliência, mais frequentemente desempenha-se atividades que a expressem e maior será a probabilidade de perceber situações que ofereçam oportunidades de representá-la. (Delamater et al,2003). Fensterseifer e Werlang, estudiosos da cultura pós moderna, chegaram a conclusão que: “*Numa sociedade onde se prioriza o consumo, o valor de cada um é avaliado de acordo como que se tem a oferecer como produto, com o que se faz. Logo a auto-estima do homem da atualidade fica totalmente subordinada ao êxito social. (2006,p40)* Torna-se relevante, uma análise acurada sobre a função dos significados atribuídos ao papel de “gangueiro”.

Existem diversos fatores que afetam a importância associada à identidade de um papel. Dentre eles estão: os recursos que investimos como tempo e esforço, as recompensas extrínsecas, as gratificações intrínsecas e a auto-estima. (Delamater et al,2003) Só uma investigação aprofundada, que adentre no contexto cultural, psicológico e social do adolescente, conseguirá compreender a relação entre as recompensas, os recursos e a auto-estima na construção e manutenção da identidade, no sentido de ser de um adolescente gangueiro homicida. Ou seja, existe uma coerência interna, uma unidade mantida tanto pela hierarquia de saliência quanto pelas estratégias de verificação do eu, que deve ser compreendida especificamente neste fenômeno.

Embora o eu inclua múltiplas identidades, o indivíduo percebe a si próprio como entidade unificada. Importa a nós entender que durante a adolescência o sentido de unidade sofre abalos que implica numa confusão de como atuar e se comportar, devendo o adolescente se reorganizar. Segundo a teoria psicossocial de Erik Erikson(1968) o homem passa por oito crises psicossociais durante seu ciclo de vida. A idade da adolescência foi considerada por ele como período crítico, de amadurecimento mental e fisiológico , quando o indivíduo se torna mais capaz de sintetizar e integrar experiências de onde se orientará na resolução de novas tarefas e responsabilidades para com o seu meio. Nesta idade o adolescente deve fazer um serie de seleções, pessoais, ocupacionais, sexuais e ideológicas e tem a tarefa de integrar as diferentes imagens de si num todo que faça sentido.

“A formação da identidade requer um processo de reflexão e observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis de funcionamento mental e pelo qual o indivíduo se julga à luz daquilo que percebe ser a forma como os outros o julgam, em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles. Ao mesmo tempo ele julga a maneira como os outros o julgam, de acordo com o modo como ele se vê, em

comparação com os demais e com os tipos que se tornaram importantes para ele.” (ERIKSON,1968,p.22-23)

Como será a formação da identidade numa cultura da desigualdade social e da violência? Como se dá a manutenção do conflito intergrupar na comunidade do Serviluz? Afinal, é curioso como um bairro chega a ser subdividido em territórios liderados por gangues quando, muitos dos mesmos participantes brincavam outrora na infância. A teoria da identidade social do comportamento intergrupar, desenvolvida por Tajfel(1982), parte do pressuposto de que os indivíduos desejam manter um auto conceito positivo. Este possui dois componentes, a identidade pessoal e social. A melhoria da avaliação de qualquer um deles significa melhorar o auto conceito do indivíduo. Sabe-se também que a avaliação do seu próprio grupo é em parte determinada pela comparação com outros grupos. O mesmo autor relata que os indivíduos reagem a uma identidade social insatisfatória ou negativa de diversas formas. Eles podem, por exemplo, aderir a um grupo avaliado mais positivamente, podem tentar ocultar sua identidade, ou podem engajar-se em ações coletivas para elevar o status do grupo ao qual pertencem. Questionamos quais as construções de sentido que levam à manutenção dos conflitos entre grupos de adolescentes na referida comunidade.

3. SENTIDO E EXISTENCIA

3.1 Construções de Sentido

Os adolescentes do Serviluz fazem parte da violência urbana e vivem numa guerra particular, mas esta é uma guerra sem vencedores. Perguntamos: qual o sentido desta guerra? Para que eles lutam? Para que eles se matam? Viktor Frankl (1991), fundador da Logoterapia, viveu também uma guerra e dela fez o seguinte questionamento: “Será que a pessoa nada mais é que o resultado de múltiplos determinantes e condicionamentos... Seria a pessoa apenas o produto aleatório de sua constituição física, da sua disposição caracterológica e da sua situação social?”(p66). Após sua experiência em um campo de concentração durante a II Guerra Mundial concluiu: “... se pode privar a pessoa de tudo, menos da liberdade última de assumir uma atitude alternativa frente às condições dadas” (p66). Este pensamento está de acordo com a concepção de Jean Paul Sartre (1970) quanto à existência: “... o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si próprio; e no entanto livre, porque uma vez lançado no mundo, é responsável por tudo o quanto fizer”(p 118). Nos parece que a decisão do adolescente em participar de uma gangue homicida revela uma fuga do estado de frustração

decorrente de uma meio hostil onde prevalece o sentimento de injustiça e invisibilidade social.

“Quem tem porque viver suporta quase qualquer como.” Com esta frase Nietzsche abre a reflexão quanto ao sentido que atribuímos às nossas vidas. O resultado destas construções são as formas como nos colocamos diante do mundo, a forma como existimos. Tentando uma fuga da situação de invisibilidade social, o jovem de gangue propõe para si um sentido maior que vale a pena todo e qualquer sacrifício, inclusive a morte. Segundo Frankl (1991), “Sofrimento de certo modo deixa de ser sofrimento no instante em que encontra um sentido, como o sentido de um sacrifício”(FRANKL,p101). Não era incomum aqueles meninos mencionarem a necessidade de vingar a morte de um ou outro parente também envolvido na guerra de gangue. Em “Juventude e violência no Brasil contemporâneo”, Eduardo Soares expõe:

“ Há uma fome mais funda que a fome, mais exigente e voraz que a física: a fome de sentido e de valor; de reconhecimento e acolhimento; fome de ser sabendo-se que só se alcança ser alguém pela mediação do olhar alheio que nos reconhece e valoriza.... O jovem troca seu futuro, sua alma, seu destino por um momento de glória, uma momento fugaz de glória vã; seu futuro pelo acesso a superfície do planeta, onde se é visível.”(,2004,p 142).

Para se tornarem “visíveis” os adolescentes vão uma após o outro ressaltando as histórias “heróicas” e características de liderança e bravura daqueles que mais se arriscaram. Formam um museu que não deixa apagar da memória os grandes feitos. Comentários como: “Pois é, o finado Bode na FEBEM era chamado de chefe...” demonstram a necessidade de reconhecimento e valorização assim como a procura de pertencimento e de uma identidade. O adolescente tem que enfrentar o desafio de “ser alguém”, de se encontrar e ao mesmo tempo se diferenciar da massa onde o enquadram. Ele não quer mais ser o menino pobre, o miserável. Essa imagem já não cabe mais, agora ele quer ser homem. E se para ser digno precisa se contentar com um salário mínimo e com uma casa de um cômodo, ele muitas vezes prefere morrer com uma arma na mão e brado heróico. Matou e morreu pelo que acreditava. E é assim que muitos escolhem seu ser-no-mundo.

“ O ser-no-mundo implica numa luta constante do sujeito consigo próprio para não perder sua dignidade existencial e suas características individuais. Na medida em que os valores são determinados pelo enfeixamento de normas sociais os conflitos serão diversos e iram exigir um discernimento bastante lúcido no sentido de uma reflexão constante para não se tornar presa de um sistema social em que a dignidade humana sequer é questionada.” (FORGHIERI,1984,p19).

3.2 Fenomenologia Existencial

É fundamentado em uma psicologia fenomenológica que se pretende a compreensão do ser-no-mundo. Isto implica numa investigação que entrelace objetividade e subjetividade para penetrar na própria vivência da pessoa, procurando captar o seu modo de existir. Para isso será levado em conta alguns aspectos fundamentais da fenomenologia. Primeiro, sobre o fenômeno do conflito entre adolescentes de gangue do Serviluz, devemos ter uma visão compreensiva dele como uma totalidade, valorizando a compreensão do processo e não de sua causa. Segundo, sobre a visão de homem, entende-se este como um conjunto de possibilidades que vai se atualizando no decorrer da existência e não como algo pronto. Ele é livre e sua existência marcada por uma pluridimensionalidade e uma polissemia, ou seja, deve-se ter uma visão dialética entre as múltiplas estruturas de sua existência e não reduzi-la a um só significado. O autor André Dartigues explica bem a proposta de uma fenomenologia constitutiva:

“A tarefa efetiva da fenomenologia será, pois, analisar as vivências intencionais da consciência para perceber como aí se produz o sentido dos fenômenos. Trata-se de empregar uma metáfora aproximativa, de distender o tecido da consciência e do mundo para fazer aparecer os seus fios, que são de uma extraordinária complexidade e de uma arãnea finesa” (1992, p.23)

Concluimos que devido a complexidade do fenômeno que se pretende estudar, a saber, o dos adolescentes envolvidos nos conflitos entre gangues no bairro Serviluz, é necessário não só compreender o que é o adolescer numa periferia ou entender sobre as características de conflitos intergrupais na pós modernidade, mas também, e mais importante, é levar em consideração que o referido fenômeno é, antes de tudo, constituição singular, é único. Ou seja, deve ser ele mesmo o ponto de partida para qualquer compreensão.

METODOLOGIA

O presente estudo foi fundamentado de acordo com a proposta da pesquisa fenomenológica. O método consiste em uma análise lógica e sistemática das evidências contidas nas verbalizações da experiência, ou seja, o que se busca é o relato da experiência intencional, da experiência vivida. O relato é tomado na sua intencionalidade própria e constitutiva. É tomado pelo que se é. Assim, a fenomenologia é um método de acesso à realidade concreta do mundo e a pesquisa fenomenológica pretende construir a compreensão de algo e não só de constatar ou verificar. Para o teórico Mauro Martins AmatuZZi, a fenomenologia como metodologia, visa à elucidação de vivências tais como a emoção, a percepção, a imaginação, a partir da experiência comum. Busca acessar, ou apreender a realidade a partir do sentido desta

para uma subjetividade intencional, alcançar o significado da realidade e do mundo para um sujeito que é encarado como protagonista da sua própria vivência.(2001)

No livro, *A Pesquisa Qualitativa em Psicologia*, Martins e Bicudo (1989) expõe as principais características de uma pesquisa fenomenológica. São elas: ausência de compreensão prévia do fenômeno pois inicia-se o trabalho questionando este, a situação da pesquisa é definida pelo próprio sujeitos investigados e o investigador se pauta pelo sentido. Cabe, no entanto, salientar que as análises fenomenológicas valorizam a subjetividade consciente, situada e suas relações, chamadas de relações intersubjetivas. Neste sentido cabe ao pesquisador atuar como um facilitador do acesso ao vivido, com a consciência de que o acesso ao vivido só se dá através de versões dele. Então, se o facilitador busca o sentido do discurso, ele deve estar atento primeiramente ao que pode ser visto, pensado e dito a partir das estruturas do auto –conceito ou socioculturais não só dos sujeitos pesquisados quanto a suas próprias estruturas. O sujeito pesquisador não prescinde de sua participação no ato de pesquisar, mas entende que é co-participante junto ao sujeito vivencial pois é também sujeito intencional

Dito isso, a pesquisa em questão foi um estudo de campo de caráter qualitativo e contou como amostra quatro adolescentes, de dezesseis, dezessete e dezoito anos, do sexo masculino, cuja participação era ativa em gangues do bairro Serviluz-Ce. Tais indivíduos foram selecionados pelo critério de idade, a saber, entre quinze e dezoito anos; de residência, necessário morar no Serviluz; necessário também ter tido participação ativa em gangues e querer colaborar com a pesquisa por livre vontade. Foram marcadas entrevistas preliminares com todos os internos do Centro Educacional Dom Bosco cuja residência é no bairro Serviluz. Como instrumento, foi construída uma entrevista não diretiva ativa, semi-estruturada com o objetivo de captar a vivência dos sujeitos sem perder de vista os objetivos específicos da pesquisa. Tal instrumento permite ao pesquisador a co-participação necessária a uma pesquisa de base fenomenológica.

A aplicação do instrumento se deu de forma tranqüila. A análise dos resultados é feita conforme a análise de depoimento, proposta primeiramente por Giorgi(1985) e adaptada por AmatuZZi(1998). Consiste em tomar o depoimento através de quatro fases: 1)Visão de todo do depoimento;2)Delimitação dos elementos significativos da experiência;3)compilação dos pontos para uma síntese 4)discussão. Com essa metodologia pretendeu-se captar o fenômeno na sua dimensão vivencial, em sua totalidade.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Foi utilizado como método de análise, uma proposta de Giorgi, adaptada por AmatuZZi, que é a análise de depoimento. Esta consiste em quatro etapas. A primeira é a visão de todo do depoimento. Neste momento faz-se uma análise do fluxo discursivo como um todo, é uma busca de entendimento a partir de uma totalidade discursiva. A segunda etapa consiste na delimitação dos elementos significativos, que é uma elaboração dos elementos extraordinários descritos pelo sujeito.(Holanda,2001). O terceiro momento é o da compilação dos pontos para uma síntese e refere-se a elaboração de características peculiares ao relato.Trata-se de uma elaboração entre a linguagem do depoente e a formulação geral do pesquisador. A quarta e última etapa é a da discussão, quando faz-se uma aproximação do relato e de suas elaborações com os autores citados.

Primeira entrevista-A

Segunda entrevista-B

Terceira entrevista-C

Quarta entrevista-D

1- Visão do todo

- A- Diversas subdivisões do território.Vaga concepção do começo do conflito ao qual culpa brigas. Viver sem liberdade e viver assustado. Entrada em gangue pela união das amizades e proteção do território. Distanciamento da escola e violência em suas proximidades. Retrata a proximidade com a morte, perda de amigos e familiares assim como a preocupação da família e a dificuldade de se ficar fora do sistema. Sem esperança de mudança. Perspectiva de futuro é trabalhar e ajudar a família
- B- Pouca reflexão da situação e da sua entrada no conflito. Entrada como começar a andar com as amizades marcadas. Restrição do território. Insegurança, medo, imprevisibilidade e proximidade da morte. Extensão das restrições aos irmãos. Possui planos para sair de lá e não acredita em mudança. Nenhuma reflexão sobre vida e vê o futuro em termos de possibilidade de mudança pessoal.

- C- Percebesse uma fragmentação do bairro. Nota-se a restrição da liberdade e por conta do risco de vida fica mais em casa. Irmãos todos envolvidos. A escola como um lugar de perigo. A entrada se dá ao começar a defender o território. Facilidade na obtenção de armas. Início vinculado a briga em torno de um roubo. Proximidade da morte e experiência de ter perdido muitos amigos. Futuro como um pai de família.
- D- A entrada se deu pela vingança ao irmão que foi atingido pelo rival. Já o conflito diz ter começado em torno de mulher. Território fragmentado e conflitos espalhados. Explicita o sentimento da vontade de destaque e poder. Muitos homicídios e grande risco de morte. Importância de ser reconhecido e de ser o mais temido. A mãe já se mudou varias vezes, já teve a casa invadida. Toda a família corre risco. Muitos “finados”, amigos mortos muito cedo. Muita proximidade com a morte. Preocupação com que os outros pensam e da imagem que fazem dele. Proteção da comunidade. Facilidade de se obter arma. A comunidade tomada por balas e restringida, lazer restringido. A fama em matar. Um familiar envolvido aumenta as chances do envolvimento dos outros da família. Homicídio como algo comum e banalizado.

2- Elementos Significativos

- A- A nítida restrição da liberdade chega a passar o dia dentro de casa. Deixar de freqüentar a escola por ter tido duas bicicletas roubadas. O circulo vicioso da entrada de mais meninos cada vez mais jovens. Facilidade de se conseguir armas e proximidade da morte.
- B- Como elementos significativos temos: irmão ficou paralítico com um tiro a bala da gangue rival. E ele foi tentar derrubar, matar, o atirador e quase morreu. Comenta sobre os fogos que é um ritual de comemorações da morte do rival.
- C- A importância da mãe no não envolvimento do filho. Acrescenta que as mães sofrem muito e grande parte deixa de morar com o filho devido o perigo. Banalização da morte e ritual de fogos para comemorar a morte do rival.
- D- Matar leva a fama. Os adolescente que não se metem são vinculados a escola. Roubo como uma atividade habitual. Perspectiva de futuro e cuidar

da filha, voltar-se para a própria família. Conflitos chegam a ser organizados via internet.

3-Compilação de pontos

- A- . Percebe-se no discurso uma vivencia de guerra com grande necessidade de defender o território e a própria vida. A fuga da escola também é uma proteção.
- . A entrada na gangue se da de forma natural respaldada de um sentimento de pertencimento e vingança em relação a mortes de amigos e parentes
 - . Existência em meio altamente conflituoso, onde a liberdade é restringida e o sentimento de medo esta sempre presente. A morte é algo comum e próximo.
 - . E redução do futuro em termos de trabalho que significa seu sentido da ascensão e transformação.
- B- .Observa-se pouco desenvolvimento das reflexões sobre a situação conflituosa.
- .Retrata uma vivencia de guerra com a restrição da liberdade refletida na restrição do território.
 - . A participação em gangue se deu de forma natural vinculado a vitimização de parentes.
 - . Enfrentamento de altíssimo risco de vida em prol da aniquilação do inimigo.
- C- . Notável vivencia de uma guerra prolongada com grande restrição de liberdade e sentimento de insegurança e medo.
- . Diversos parentes e irmãos participam e toda a família sofre com o conflito.
 - . Observa-se a proximidade da morte e certa banalização desta como uma habituação ao ambiente hostil.
 - . O futuro como construção de uma família e a mudança do bairro.
 - . Casa como um lugar de proteção que se encontra sob risco a todo o momento.
 - . A escola se apresenta como um lugar especial de conflitos e o abandono natural dos estudos.
 - . Convivência com o crime e a violência na comunidade e no seio da família.
 - . O conflito é mantido pela entrada dos mais novos.

D-. É observável a importância dos irmãos e parentes na entrada e manutenção no conflito.

. Fica saliente a importância dada ao reconhecimento, ao temor à fama obtida com os homicídios.

. Convivência diária com violência e com alto risco de vida. A vida fica restrita ao conflito. Não há momentos para lazer.

. A escola torna-se também um lugar de conflito e não é dada nenhuma importância aos estudos.

4-Discussão:

A pesquisa foi muito rica em termos de conteúdos. A investigação rendeu muitos frutos a começar pela contextualização deste adolescer, que como foi discorrido anteriormente pelos autores como Arpint e Fensterseifer e Werlang, acontece em meio a uma realidade individualista, num contexto de uma sociedade competitiva e consumista, onde a pessoa só é valorizada pelo que tem. Os impactos desta cultura na auto-estima de adolescentes marginalizados socialmente é enorme. No discurso dos colaboradores percebe-se a importância do trabalho e da perspectiva de construção de uma família como ideal de futuro.

Num contexto conflituoso semelhante ao de uma guerra civil a necessidade de segurança aparece a todo o momento. Percebe-se que ela é preenchida pelo agrupamento em gangues armadas. Deve ser difícil a tarefa de organizar a identidade num conjunto coerente quando se vive em meio a tantos conflitos. Como foi visto por Delamater, o desempenho de um papel e a construção da identidade está diretamente relacionado com o auto-conceito, com os esforços despendidos, com a hierarquia de saliências e com as construções de sentido. Na hierarquia dos adolescentes entrevistados percebe-se a saliência da vingança aos familiares e amigos assim como a fama adquirida ao assassinar os rivais. É tão grande o ódio investido no conflito que leva a uma alta exposição ao risco de vida.

Quanto ao sentido atribuído a vida, percebe-se que a manutenção do conflito toma todas as áreas da vida do sujeito e o sentido desta passa a ser matar o rival. É coerente com a fala de Frankl quando este diz que o sofrimento de certo modo deixa de ser sofrimento no instante em que encontra um sentido, como o sentido de um sacrifício. Enfrentamento de altíssimo risco de vida em prol da aniquilação do inimigo. Verifica-se na fala do próprio sujeito quando questionado sobre como é viver sendo

participante da gangue respondem da dificuldade de se viver em uma guerra. Um sentido emergente foi o da vingança, como que honrar a família outrora despedaçada pelos assassinatos, assim a entrada nas gangues se dá desde muito cedo e na maioria das vezes é motivada pela vingança aos parentes.

Percebeu-se também, consonante com a perspectiva de Glória Diógenes, a territorialidade das gangues se traduz na fala dos adolescentes, no imaginário das gangues, como projeções de campos de guerra e de refúgio. É claro no discurso dos colaboradores que os espaços da cidade e do bairro configuram-se como lócus de disputas e confrontos, inclusive a própria escola.

Os adolescentes demonstraram também grande envolvimento com diversos crimes, roubos e tráfico de drogas. Conforme a literatura, um indivíduo em formação é mais vulnerável ao crime, o que se agrava, dentre outras coisas, pela dificuldade em se conseguir espaço na sociedade e pelos fortes estímulos para o consumo. Assim, o jovem encontra na gangue ou no crime apoio, sentimento de pertencer a um grupo, poder que uma arma representa e o prestígio necessário para a manutenção da segurança e da alta estima.

É saliente também no discurso dos colaboradores da pesquisa como sua liberdade de ir e vir é restringida acabando por passar a maior parte do tempo refugiados em casa. O lazer também é restrito. As famílias por sua vez tem sua liberdade restringida e as mães sofrem muito e acabam tendo que se separar dos seus filhos.

Todos os colaboradores enfatizaram o processo de manutenção do conflito por adolescentes cada vez mais novos andando armados a fim de disputar contra os rivais. Para eles não há nenhuma esperança de mudança da realidade no Serviluz e a única forma que encontram de se abster do conflito é mudando de bairro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos o trabalho bastante satisfeitos quanto a quantidade e a qualidade dos dados obtidos. Foi possível responder as indagações centrais e compreender mais sobre a experiência do adolescente envolvido no conflito de gangues do Serviluz em Fortaleza. É necessário salientar que, o devido aprofundamento na natureza do fenômeno só foi possível pela utilização de uma visão de homem pautada na psicologia fenomenológica existencial e pelo método fenomenológico de pesquisa. Assim, confiar na liberdade humana e no método compreensivo foi o que viabilizou o estudo do fenômeno.

Foi compreendido que os adolescentes investigados são sobreviventes de uma guerra diária. Adotam assim inúmeras estratégias para manter não só a sua vida mas a sua dignidade existencial. Os sentidos construídos são inúmeros e não é necessário reduzi-los ou universalizá-los. São sentidos que emergem da forma primária e autêntica. Eles exigem por uma estrutura básica que lhes possibilite um mínimo de segurança, nem que para isso precisem se expor mais ao risco.

A entrada no mundo das gangues é tão natural quanto a própria participação nela. Quase que transgeracional esse conflito prossegue, matando inúmeras vidas. Quanto tempo mais isso vai durar? Esperamos por um dia quando não será mais necessário que os adolescentes reforcem sua identidade de gangueiro homicida para sua própria sobrevivência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A & KNOBEL, M. Adolescência normal. Porto Alegre. Artes Médicas, 1981

ABROMAVAY, Miriam, CASTRO, Mary Garcia. Juventudes no Brasil: **Vulnerabilidades** negativas e positivas. I Congresso da Associação Latino Americana de População. ALAP. Caxambu, MG. 2004

AMATUZZI, Mauro M. Pesquisa fenomenológica em psicologia. Psicologia e Pesquisa Fenomenológica. Reflexões e Perspectivas. Omega editora. São Paulo. 2001

AMATUZZI, Mauro M. Experiência Religiosa: estudando depoimentos, Estudos de Psicologia, Campinas, p3-28. 1998

ARPINT, D.M. Adolescência e violência: Reflexões a partir da história. Revista Psicologia e Argumento, 17. 1999

BAZTÁN, Angel. Estudios de etnopsicología e etnopsiquiatria. Barcelona. Marcombo, 1994

DARTIGUES, André. O que é fenomenologia. São Paulo: Editora Moraes, 1992

CLÍMACO, A. A. de S. Repensando as concepções de adolescência. Dissertação de mestrado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo-SP, 1991

ERIKSON, E. Identidad, juventud y crisis. Madrid: taurus 1986

FORGHIERI, Arganzadaro. Fenomenologia e psicologia. São Paulo: Cartezzi, 1984.

FENSTERSEIFER,Liza;WERLANG,Blanca.Comportamentos autodestrutivos, subproduto da modernidade? Psicologia Argumento,Curitiba,v.24,n.47 p.35-44,out./dez.2006

FRANKL,Viktor E. Em busca de sentido. 24ª ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1991.

GIORGI,A.Phenomenology and psychological reseach,Pittsburg: Duquesne University Press,1985

LABAJOS,J.Identity del adolescente.Em:A.Aguirre,Psicología da la adolescência.Barcelona:Maecombo,1994

LABORATÓRIO DE GEOGRAFIA. Violência urbana. 29 jun. 2007.Disponível em:<<http://laboratoriodegeografia.blogspot.com/2007/06/violncia-urbana.html>>. Acesso em: 01 dez.2007

MARTINS,J;BICUDO,M.A.V. A pesquisa qualitativa em Psicologia.Fundamentos e recuos Basicos, São Paulo: Editora moraes/EDUC,1989

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Relatório mundial sobre violência e saúde. Genebra, 2002. 323p.

PEREIRA,Antonio C. O adolescente em desenvolvimento. São Paulo: HARBRA,2005

SAITO, Ignez. Adolescência,cultura,vulnerabilidade e risco.A prevenção em questão.Revista Psicopedagogia v19,n57.2001

SARTRE,Jean P. O existencialismo é um humanismo.Lisboa: Presença,1970.

SOARES,Luiz E. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In:NOVAES,Regina;VANNUCHI,Paulo(Org.). Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: editora Fundação Perseu Abramo,2004. P.113-159.

TAJFEL,H.Social identity and intergroup relations.Cambrige,UK:Cambrige university press,1982.